

Salvo pelas artes

Nasci na Rua Sarutaya 313 no Jardim Paulista em São Paulo no dia 20 de setembro de 1948 – virginiano.

Sou o terceiro dos quatro filhos de Dinah e Carlos Lacaz, meus queridos pais.

Ana Helena, Carlos Roberto, o Beto, Carlos Augusto, eu e o Carlos Eduardo, o Nenê. Em frente a nossa casa moravam o Luigi e a Claretta (a menina mais desejada – a única na verdade), o Ruy Jorge, os irmãos José Ruy e Paulinho e os irmãos Bruno e Píer.

Do lado de cá o Cyro e o João Francisco.

O Ruy Jorge já estava no colegial e nós ainda no início do Ginásio,

Por isso ele era sempre procurado para ensinar-nos a resolver problemas de matemática.

Mas o que eu gostava mais no Ruy eram seus desenhos `a caneta tinteiro e os ônibus Que construía com cartolina, gilete e goma arábica.

Ruy era um excêntrico, sempre de camisa social branca e calça preta, só escutava musica clássica, mas ao contrario do que possa parecer, com tanta formalidade, Ruy era um palhaço e um Mestre. Sabia tudo.

Desenhar principalmente.

Minha primeira paixão foi o desenho. Como aquelas figuras apareciam na folha em branco?

O Ruy desenhava na hora o que pedíamos: Ruy, desenha uma locomotiva batendo em Um ônibus – os desenhos eram depois disputados pela pequena platéia – Guardei alguns alguns e até hoje me surpreendo com sua qualidade.

Na Sarutaya a cada estação contruíamos os brinquedos para depois brincar: relemã, papagaio, escudo e espadas, armadilhas, engraxate, cabanas, zarabatana, taco, bondinho, balão, arco e flecha, aerodelismo, barcos, foguetes...

Na outra Sarutaya moravam os irmãos Claudio e Enio Candotti.

Uma vez Claudio apareceu com um carrinho de rolemã de 3 rodas onde o sarrafo da direção era flechado. Nunca tínhamos visto aquilo, aquele detalhe.

Para mim foi o primeiro impacto com o design.

Todos copiaram.

Repeti o terceiro ano primário no Externato Teixeira Branco. Neste ano, 1959 meu futuro cunhado, o José Eduardo havia entrado na Medicina USP e seu pai, o Sr Martins, dono de uma concessionária Willys em Itumbiara, Goiás, proporcionou uma viagem de Jeep e Rural Willys até Brasília que seria inaugurada em 1960. Foi uma grande aventura.

Lembro-me que fui o primeiro a avistar o Palácio da Alvorada.

Depois, fiz admissão para o Ginásio no Dante Alighieri, mas no primeiro semestre Já estava condenado – bomba no primeiro ginásial.

Minha mãe me chamou na sala de visitas e me disse: vou te colocar em uma nova escola, o Ginásio Vocacional. Lá tem as coisas que você gosta, marcenaria, eletricidade e desenho.

Minha mãe morreu sem que eu tivesse perguntado a ela como soube do Vocacional. O Vocacional do Liceu Eduardo Prado foi meu primeiro paraíso escolar.

Como minha mãe disse, tínhamos aulas de marcenaria com o prof José Paulino, trabalhos manuais com a D. Meire, eletricidade e eletrônica com o prof Milton, geometria, desenho e pintura como a D Leda, desenho mecânico com o prof Assaoka...

Minha mãe presenteava alguns parentes com trabalhos que eu havia feito na escola.

Muito bom para minha auto estima.

Legais também eram meus colegas, muitos gostavam de desenhar e ou tinham oficina e Laboratório em casa. Eu e o Dorinho logo fizemos dupla.

Um dia, durante uma aula, o Hermes abriu sua pasta que estava no chão e me mostrou

Um filtro Sallus de parede com um estopim – era uma bomba!

No final da aula fomos para o terreno baldio e a detonamos – BUM! Maravilha! Taglar Dudus me ensinou a montar meu primeiro amplificador.

O pai do Marcos Taques nos ensinou a partida elétrica para foguetes.

Nesta época, aos domingos meu pai nos levava para visitar o Instituto de Medicina Tropical, que criou, construiu e dirigiu.

A sala que mais gostava de visitar era a do Sr Waldomiro Siqueira Jr, homem santo e de muitos talentos, desenhista, pintor, escultor, poeta, cronista, era o encarregado de fazer as montagens das fotografias e objetos a serem expostos.

Em sua sala atelier, uma deliciosa bagunça organizada ele mesmo cortava e colava caixas de acrílico, um novo material na época. Queria a sala do Sr Waldomiro para mim.

Foi tal a intimidade com o acrílico que posteriormente ele inaugurou no saguão do IMT

A primeira exposição de acrilicogravura.

Íamos também `a Chácara Barssotti de meu padrinho Augusto Schiaschia.

Italiano muito generoso também tinha uma oficina e sempre me presentava com ferramentas. A morsa de minha bancada ganhei dele.

Nas férias íamos para Guaratinguetá onde moravam minha avó Judith, tios e primos. A visita mais gostosa era no gabinete do Tio Roge, irmão mais excêntrico de meu pai.

Dentista, flautista, primoroso escultor, orador de sepultamentos, inventor de uma cola a partir de osso de boi que polemizou a cidade pelo mau cheiro que produzia. Fazia com facilidade o busto de qualquer pessoa.

Uma vez estávamos brincando com barro na casa dos tios Emilinha e Lycurgo. Tirávamos terra do jardim e fazíamos vasos grossos e frágeis.

Tio Roge chegou viu e falou: vocês precisam usar argila para fazer vasos mais futuristas. Foi a primeira vez que escutei essa palavra.

Levou-nos em sua Studbacker até a Cerâmica, fábrica de vasos, moringas e filtros e Pediu a um funcionário um pouco de argila para as crianças.

Com um arame entre as mãos cortou o pedaço que precisávamos.

Apreendi que existia a argila, e como se cortava, simples e engenhoso.

Vi pela primeira vez o torneiro modelando uma moringa. Que lindo!

Durante o Ginásio Vocacional comecei a fazer uma oficina no porão de casa

Pouco tempo depois meu pai construiu no quintal um quartinho com mais luz

Para abrigar as ferramentas, bancada e os materiais.
Foi meu primeiro atelier, mas na época chamavamos de oficina.
Com a oficina veio o desejo de ter mais ferramentas e uma máquina. Meu primeiro objeto de desejo foi o Conjugado Acerbi – serra circular, lixadeira de disco, torno e furadeira vertical.
Sempre que ia a Sears via a demonstração de suas qualidades.
Peguei um folheto e o abria todo dia imaginando tudo o que poderia fazer.
Tempos depois meu pai me deu. Recentemente o restaurei.
A revista que adorava era a Mecânica Popular edição em espanhol, se tornou minha bíblia.
Terminado o Vocacional muitos colegas decidiam pelos cursos técnicos do LEP. Química ou Eletrônica Industrial. Já estava envolvido com eletrônica.
Eram barbaros os laboratórios e oficinas e excelentes os professores como Pastorello Que dava verdadeiras aulas performance no escuro mostrando o funcionamento de ampolas e tubos de raios catódicos. Prof Bruno Pavan que era auto didata mas sabia tudo. Prof Mauro de matemática. Sempre parava a aula para nos aconselhar.
Mas, era um curso muito difícil e repeti o primeiro ano.
Fiquei fazendo só 3 matérias e me sobrava tempo. Pedi a meu primo Wilson Ruiz um emprego em sua pequena fábrica.
Ele me colocou de operário – achei legal, fazia de tudo – pintar prateleiras, puchar luz para o galpão, furar rodinhas...
Mas, só agüentei um mês. Recebi 50 cruzeiros e fui direto a loja do Seu Oliveira na Brigadeiro Luiz Antonio comprar a Black & Decker que namorava na vitrine há meses. Era a primeira furadeira elétrica manual.
Custava 80 mas eu tinha crédito com o Seu Oliveira . 50 + 3x10 – pago! Tenho-a até hoje.
Nesta época o Ruy estava na GV e fazia o jornal O Burocrata, impresso no mimeógrafo, a 4 cores.
Eu, o Dorinho e o Javier copiamos a idéia e fizemos na eletrônica o jornal O BOM, que durou 3 edições.
Outras edições que apareciam na Sarutaya de tempos em tempos eram os catecismos de Carlos Zéfiro cujo desenho erótico nunca foi superado. Aquele desenho me excitava e me impressionava. Apareciam, passavam de mão em mão e sumiam. Um dos sistemas de distribuição nacional mais bem sucedidos. E era gratuito.
Final do terceiro ano de eletrônica e duas conclusões:
Eu não seria técnico em eletrônica e precisaria urgentemente descobrir outro caminho.
Pensei em algo que envolvesse desenho.
Propaganda, arquitetura...
Arquitetura seria o ideal mas sabia que não iria entrar pois em 1969 só haviam a FAU e o Mackenzie no Estado de São Paulo.
Me matriculei no cursinho Universitário e para minha surpresa eu teria aulas de Linguagens da Arquitetura. Estas aulas eram dadas por Carlos Fajardo e Luis Paulo

Baravelli. Foi a primeira vez que tive contato com artistas contemporâneos e com uma reflexão sobre as soluções aos exercícios provocadores que nos propunham. Foi um primeiro estalo.

Para minha sorte, naquele ano abriram três novas escolas – São José, Santos e Mogi. Eu e o Javier entramos em São José dos Campos., O Dorinho em Mogi.

No vestibular, tivemos uma prova muito interessante de linguagens da arquitetura que me marcou para sempre.

Um boneco estilizado a bico de pena utilizando monocle, estava parado no centro da página.

Pedia-se que completássemos o espaço de acordo com o estilo do desenho.

Quando conheci os professores perguntei de quem era o desenho que tinha gostado tanto?

Saul Steinberg foi a resposta. Comecei então a comprar livros de Saul Steinberg

E a tentar copiar seu raciocínio.

A FAU São José dos Campos foi meu segundo paraíso escolar – uma iluminação.

Costumo dizer que virei gente em SJC.

Era uma escola inovadora e experimental, idealizada por Paulo Bastos, Leo Nishikawa, Milton Perichiota, Mayumi Sousa Lima, Plácido Campos Jr, Ricardo Ohtake, Dalton de Lucca, Zigbert Zanetini, Anselmo Pecci, Ricardo Maranhão, Ermínia Maricato, Glaycon, Wilson Campos, Ana Maria Belluzzo, Walter Rogério, Chico Segnini, entre outros.

Nosso primeiro trabalho não foi um projeto de arquitetura e sim um áudio visual com três projetores de slide, dissolve, e trilha sonora em gravador de rolo.

Naquela época já nos despertavam para o raciocínio multi mídia que me seria muito útil em artes plástica.

Depois de um ano indo e voltando todo dia de ônibus, recebi um convite de meu colega Artur Cole para ir morar na Marcelândia a república comandada por Marcelo Arantes Ferraz. Tímido e reticente perguntei se poderia fazer um teste por uma noite.

Naquela noite percebi o tempo que tinha perdido em um ano no ônibus.

A Marcelândia era visitada por todos, tinha festa toda noite e também desenhávamos muito. Lia O Pasquim, ou melhor, via O Pasquim. Gostava de copiar os desenhos Aprender a construção dos bonecos sendo que me identifiquei muito com o traço debochado do Jaguar do qual virei fan. Cheguei a publicar no Pasquim uma série de cartuns sobre aviões.

É bom dizer que vivíamos em plena ditadura Medice, a pior delas e que havia uma patrulha contra o desenho. Dizia-se que não poderíamos projetar antes de voltarmos `a democracia. Que estaríamos sempre projetando para o poder vigente, a classe dominante, essas coisas. Depois de muito tempo concluí que muitos não sabiam desenhar E tinham vergonha de mostrar seu desenho, polemizar era mais fácil.

Nesta época reencontrei minha primeira namorada a Patrícia Garcez em um festival de cinema super 8 que participava com o Javier, organizado por Abrão Berman.

Voltamos a namorar e ela me convidou para ver uma apresentação na escola na qual havia se matriculado – O Pod Minoga.

O Pod Minoga andava na contra mão da história. Era uma delícia.

Não era o teatrão nem o teatrinho. Era uma outra coisa.

Nahum Alves de Souza comandava Caros Moreno, Flavio Del Carlo, Mira Haar, Flavio de Sousa, Tacus, May Shuravel e tantos outros.

De lá veio o desejo de criar, produzir e apresentar pequenas cenas, que depois conheci com o nome de performance.

No quinto ano fui convidado por Erminio Sargentini para ilustrar seu livro de Português.

Utilizei este trabalho para fazer meu TGI. Dei o título de Ilustração Didática.

Neste ano o Javier já estava trabalhando na A. Araujo e me consegui um estágio Na Yacco Poyry, empresa Finlandesa que ocupava o mesmo prédio.

Fazia projetos do que se chamava de acampamento provisório. Uma pequena vila para abrigar engenheiros e funcionários durante a construção das usinas de papel e celulose.

Terminada a Faculdade, não queria mais trabalhar na YP.

Fui procurar outro emprego mas, nada, era muito difícil.

Chegamos a montar um escritório em casa, eu e o Javier.

Fizemos a loja da Dominici na Cidade Jardim pois o pai do Javier, Seu Henrique trabalhava na Dominici.

Depois, compramos um terreno em Interlagos e construímos dois sobrados para vender.

Não conseguimos vender e perdemos dinheiro.

Fizemos também muitos projetos de usinas de álcool para uma empresa de engenharia.

Logo o Javier foi contratado pela Itauplan e nossa sociedade acabou.

Ricardo Ohtake me convidou para ilustrar um livro de ciências no estúdio que tinha com Dalton de Lucca e José Graciano na simpática vila da Rua Tietê.

Foi um lugar que marcou época, sempre recebia visitas ilustres.

Lá conheci o Marcelo Pacheco e o Valladro Keating parceiros neste trabalho

E com os quais muito aprendi. Cada um teria que fazer uns 30 desenhos.

Eu e o Marcelo trabalhamos diariamente por 30 dias e o Vallandro chegou no último dia

E fez os 30 em meia hora. Uma fera!

Foi muito divertido.

No final do livro o José Graciano me indicou para trabalhar com os arquitetos Sami

Bussab e Satoru Nagai, onde fiquei quase um ano até que uma crise na economia me fez perder o posto – 1976.

Desanimado e sem coragem de procurar outro emprego voltei-me para o lado gráfico

Onde tinha mais oportunidades.

Conhecia o Mario Cafiero, Ricardo Van Steen e o Rafic Farah que já tinham muitos clientes e que me convidavam para dividir a criação de marcas, revistas, ilustração, etc.

Vi então que minha vida profissional seria como autônomo, prestando serviços gráficos. Em 1978 estava fazendo fascículos de desenho mecânico para o SENAI e lá vi um cartaz que dizia: Primeira Mostra do Móvel e do Objeto Inusitado, organizada por Sabina Libman da Galeria Arte Aplicada e pelo Paço da Artes.

Tinha feito alguns trabalhos curriculares e extra curriculares durante a faculdade e não sabia muito bem o que eles eram mas gostava deles e os guardei.

Naquele momento vi que eles poderiam ser aquilo: objetos inusitados.

Eram 14 – fotografei-os e os inscrevi.

Poucos dias depois recebo a ligação do pai do Ricardo van Steen, o arq Ennes da Silveira Me dizendo ser membro do júri e que eu havia ganhado um dos prêmios.

Era um bom prêmio em dinheiro.

Foi uma grande surpresa e o início da maior iluminação profissional de minha vida. A exposição foi um sucesso.

A surpresa seguinte foi a crítica feita por Olívio Tavares de Araujo na revista Veja com destaque para o meu trabalho.

...Para terminar com um curioso conjunto de objetos absolutamente inúteis do estreante Carlos Augusto Lacaz, cheios de bom humor e ironia, e à primeira vista sem maiores pretensões(...).

E o único participante que jogou na abertura acabou mandando os projetos mais fascinantes. São quase-brincadeiras de Carlos Augusto Lacaz, que seguem uma tradição de nonsense criada pelo vanguardista Marcel Duchamp. (até então desconhecido para mim)

Vi que ali estava aberta uma porta que eu nunca havia considerado, a de ser artista plástico. Queria ser cartunista, ilustrador, eng. eletrônico, arquiteto, mas, artista plástico! Como é que seria?

Neste mesmo mês estava fazendo sua primeira individual no MASP o Dudi Maia Rosa.

Eu era freqüentador do atelier do Fajardo na rua Pamplona.

Um dia o Fajardo me disse: Lacaz, vamos ver a montagem da exposição do Dudi.

Eu conhecia o Dudi só de nome e de alguns trabalhos – um deles era uma gravura do Pacaembu que achava o máximo.

Para lá fomos. Lá cheguei e senti o primeiro grande impacto em arte da minha vida.

Eram pinturas e cerâmicas com cenas cômicas.

Vi o quanto que teria que estudar para ser um artista plástico!

Me apaixonei por uma pintura e a comprei na hora.

Depois, pedi aulas com o Dudi cujo atelier frequentei por mais de um ano.

Foi um ano especial pois Fajardo, Baravelli, Boi, Guen, Flavia Ribeiro, Mario Cafiero, Javier e tantos outros para lá iam toda quinta feira.

Depois, quando Julio Plaza e a Regina Silveira fundaram a ASTER, fomos todos aprender litogravura.

Bom, daí para frente comecei a conhecer mais colegas, freqüentar ateliers, exposições,

Receber mais convites para expor e a me concentrar muito, muito para dar uma resposta original e pessoal a cada oportunidade que aparecia. Errei muito. Vejo hoje que fui salvo pelas Artes.